

A escrita de /s/ e /z/ em português: dados de crianças do segundo ano de escolaridade¹

Jéssica Gomes²

Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal

Celeste Rodrigues³

Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal

Resumo: Em português europeu, existem três sistemas de sibilantes: /s z ʒ z/, /s z/ e /ʒ z/. Neste artigo, analisa-se a escrita de crianças com desenvolvimento típico do segundo ano de Lisboa, Bragança, Canas de Senhorim e Mondim de Basto, que evidencia a existência de diferenças consideráveis no conhecimento fonológico das crianças observadas. Os resultados obtidos revelam uma taxa de sucesso decrescente na escrita das crianças: Mondim de Basto >> Bragança >> Canas de Senhorim >> Lisboa, como reflexo da menor opacidade da ortografia do português para as crianças do Norte. Canas de Senhorim, na zona de confluência dos dialetos setentrionais e centro-meridionais, apresenta valores intermédios face às restantes localidades na escrita dos segmentos sibilantes. Para além de ser necessário para ajustar o ensino em cada região, o estudo da escrita de diversas regiões dialetais traz contributos relevantes para o estudo (socio)linguístico do português.

Palavras-chave: Aquisição fonológica; Consoantes sibilantes; Complexidade ortográfica; Aquisição da escrita.

Title: Writing /s/ and /z/ in Portuguese: data from second grade children

Abstract: In European Portuguese, there are three systems of sibilant consonants: /s z ʒ z/, /s z/ and /ʒ z/. This article analyses the writing of typically developing second-grade children from Lisbon, Bragança, Canas de Senhorim and Mondim de Basto. Their writing shows considerable differences in phonological knowledge within the pool of observed children. The results obtained reveal a decreasing success rate in the children's writing performance: Mondim de Basto >> Bragança >> Canas de Senhorim >> Lisboa, a reflection of the lower opacity of Portuguese spelling for children in the North. Canas de Senhorim, in the confluence zone of the northern and central-southern dialects, presents intermediate values when compared to the other locations in the writing of sibilant segments. Apart from being necessary to adjust the teaching in each region, the examination of the writing of

¹ Este trabalho é financiado por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do projeto: CLUL 2020: UIDB/00214/2020.

² Mestranda em Linguística pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Bolseira de Investigação do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-5194-8764>. E-mail: jgomes4@campus.ul.pt.

³ Professora Associada da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa; Investigadora do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. E-mail: celesterodrigues@campus.ul.pt. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7794-5569>.

different dialectal regions brings relevant contributions to the (socio)linguistic study of Portuguese.

Keywords: Phonological acquisition; Sibilant consonants; Spelling complexity; Writing acquisition.

Introdução

No presente artigo, centramo-nos na representação escrita das consoantes fricativas /s/ e /z/ do português europeu (PE) em início de sílaba, relacionando dados de escrita obtidos em crianças de três regiões dialetais com a informação disponível acerca do desenvolvimento dos segmentos na aquisição da língua. Partimos da assunção de que o estudo da escrita infantil é relevante para se entender o desenvolvimento do conhecimento fonológico na criança e, visto que este pode assumir características diferenciada em função das regiões dialetais de origem, decidimos explorar materiais provenientes das três regiões dialetais que o PE possui no que se refere aos segmentos acima mencionados. Serão discutidas questões relacionadas com o número de unidades fonológicas existente em cada região e a respetiva complexidade da representação ortográfica, que deverão ser tidas em conta para a definição de intervenções didáticas específicas.

Segundo as descrições dialetais mais atualizadas (CINTRA, 1971; MARTINS; SARAMAGO, 1993; PÉREZ, 2015; SEGURA, 2013), no caso dos segmentos sibilantes, existem três variedades dialetais em Portugal continental. Por isso, iniciamos o presente artigo com a subsecção “Consoantes /s/ e /z/ no PE standard”, referindo-nos às características fonológicas do português europeu standard, aqui estudado com base em dados obtidos em Lisboa. Posteriormente, na subsecção “Dialeto baixo-minhotos, durienses e beirões”, apresentamos as características do dialeto que possui segmentos apicais em vez de /s/ e /z/, o que será estudado neste trabalho em materiais recolhidos em Mondim de Basto e Canas de Senhorim. De igual modo, na parte do trabalho intitulada por “Dialeto transmontanos e alto-minhotos”, descrevemos as características fonológicas do dialeto com quatro unidades fonológicas correspondentes às fricativas coronais anteriores, aqui estudado mediante dados de escrita de crianças de Bragança. Na subsecção “Aquisição dos segmentos fricativos coronais”, fazemos uma breve descrição da informação acerca da aquisição da classe de segmentos aqui estudada e, na subsecção “Aquisição da escrita das consoantes sibilantes em português”, revemos a informação referente à aquisição da ortografia dos diversos segmentos. A seguir, em “Metodologia e objetivos”, apresentamos os aspetos de natureza metodológica relacionados com a constituição da amostra deste estudo (proveniente do *corpus* EFFE-On), com o tratamento dos dados para a observação da escrita das consoantes em análise e, por fim, com os objetivos do nosso estudo. Posteriormente, serão apresentados, na secção “Resultados” os dados obtidos, que serão discutidos à luz da fonologia e da variação fonológica do português, bem como da aquisição destes segmentos por crianças portuguesas, na secção “Discussão”. Segue-se, por último, a secção destinada às “Considerações finais”.

Consoantes /s/ e /z/ no PE standard

O português da região de Lisboa (L), vulgarmente tido como variedade standard, possui dois segmentos fonológicos coronais anteriores, /s/ não vozeado e /z/ vozeado, que contrastam nos seguintes pares mínimos: *selo / zelo, cinco / zinco*.

Numa descrição autosssegmental que utiliza a geometria de traços de Clements e Hume (1995) e a teoria de subespecificação radical (ARCHANGELI, 1988), os segmentos podem ser representados, respetivamente, conforme se segue - Figuras 1 e 2.

Figura 1 – Representação de /s/

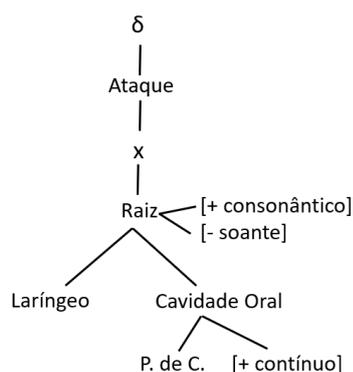
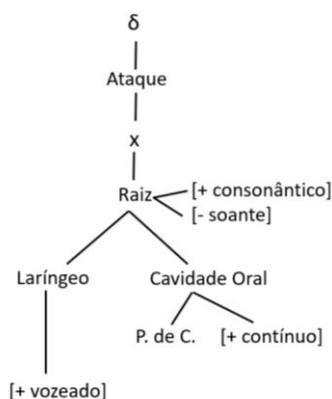


Figura 2 – Representação de /z/



As Figuras 1 e 2 mostram que os segmentos podem ser representados fonologicamente sem referência aos traços considerados universais ou de defeito. Nessa medida, o valor de vozeamento só foi incluído no segmento [+ vozeado], já que o valor oposto desse traço é o de defeito (MATEUS; ANDRADE, 2000). Estas consoantes são ambas coronais como /s/ e /z/ mas, ao contrário destas, são [+anteriores], ou seja, possuem o valor do ponto de articulação por defeito. Os traços de defeito não carecem de menção na representação mais abstrata dos segmentos, por poderem ser preenchidos por regras universais se nada for especificado em contrário que as impeça de atuar. Ora, no caso desta variedade linguística, é

isso mesmo o que acontece. Nessa medida, os segmentos realizam-se como [s] e [z], foneticamente.

O PE standard contém unicamente estas duas fricativas coronais anteriores, assim como todo o Centro e Sul do país e as regiões insulares dos Açores e da Madeira. Estima-se que este sistema de duas sibilantes esteja em expansão territorial, inversamente ao que acontece com os sistemas das duas outras regiões referidas (MARTINS; SARAMAGO, 1993).

Dialetos baixo-minhotos, durienses e beirões

Os materiais dialetais conhecidos referentes às regiões do Baixo Minho, Douro, Beira Alta e no Norte da Beira Baixa contêm tipicamente as duas apicais /s/ e /z/, em vez das duas consoantes coronais anteriores do PE standard. Este sistema, em princípio, vigora nas duas localidades de Mondim de Basto (MB) e Canas de Senhorim (CS), assumindo os dados de Cintra (1971), apesar de uma se situar no norte da região e outra no extremo sul da região com estas duas apicais apenas. MB é uma localidade situada na região administrativa Norte NUTS III, sub-região do Ave, que converge com a região transmontana. CS é uma vila do Concelho de Nelas da região administrativa NUTS III, sub-região Viseu Dão-Lafões. Ambas as localidades estudadas devem fazer parte da região dialetal aqui descrita. Dada a existência de uma progressiva perda territorial dos sistemas com sibilantes apicais, observada já por Martins e Saramago (1993), pretende-se apurar se os falantes mais jovens das duas localidades estudadas no presente trabalho, MB e CS, demonstram alguma evidência de conhecimento fonológico do sistema de origem ou do que possui as quatro sibilantes, uma vez que uma bolsa de preservação do sistema de quatro sibilantes foi registada anteriormente por Leite de Vasconcelos no Concelho de Carregal do Sal, muito próximo (ANDRADE; SLIFKA, 2006a; 2006b; CINTRA, 1971; MARTINS; SARAMAGO, 1993).

Nos trabalhos de Andrade e Slifka (2005a; 2006b), foram registadas produções apicais e coronais em duas falantes com idades entre os 40-45 anos de Travanca de S. Tomé, uma aldeia no concelho de Carregal do Sal, a norte do Mondego. Nessa medida, os seus dados reafirmam a existência de uma bolsa de preservação do sistema de quatro sibilantes na área dos dialetos que apresenta só apicais. Feita a análise acústica desses materiais e de alguns testes percetivos em que participaram linguistas com preparação para a discriminação dos segmentos coronais e os falantes que produziram os estímulos, foi observado que um dos falantes era mais consistente do que o outro, quer na produção quer na perceção dos estímulos apicais. Os estímulos em que não houve consistência nesse falante foram os que geraram igualmente maior discordância nos testes percetivos realizados pelos linguistas. Concluiu-se que existe variação interlocutor na produção, embora a nível da perceção os dois falantes objeto de estudo fossem largamente consistentes na avaliação dos estímulos avaliados. As duas unidades apicais dos sistemas fonológicos setentrionais podem ser descritas fonologicamente, mediante a inclusão do traço [- distribuído] na dependência do nó Coronal, como proposto por Andrade e Slifka (2006a; 2006b). Deste modo, para este dialeto, torna-se necessária a adoção de um traço secundário, próprio das sibilantes coronais, que

remete para o menor comprimento da constrictão destes segmentos face aos do dialeto standard.

Dialetos transmontanos e alto-minhotos

A variedade do Alto Minho e de Trás-os-Montes, representada neste trabalho por Bragança (B), contrasta as quatro unidades fonológicas, /s/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/ (CINTRA, 1971). Por isso, neste aspeto, esta região pode ser considerada mais conservadora do que as outras regiões dialetais já referidas (CINTRA, 1971; SEGURA, 2013), pois há evidências de que o sistema do português centro-meridional começou, desde cedo, a afastar-se dele, provavelmente, a partir do Sul de Portugal e incluindo cedo a região de L⁴. Vejamos, então, quais são as correspondências entre os segmentos fonológicos e as respetivas grafias nesta região linguística. Se se mantiver a oposição dos quatro segmentos ainda hoje (embora, talvez, menos evidente em meios urbanos), a grafia destas quatro consoantes não é tão complexa para as crianças em B como o é nas outras regiões, uma vez que /s/ corresponde a <c> ou a <-ç-> (*cedo, aceita, maçã*), /z/ corresponde a <z> (*azeite, zorra*), /ʃ/ corresponde a <s-> inicial (*sapo*) e a <-ss-> em início de sílaba no interior da palavra (*passeio*) ou a <-x-> (*máximo*) e /ʒ/ corresponde a <-s-> entre vogais (*casa*). Verifica-se, deste modo, que, nesta região, os segmentos vozeados estabelecem correspondências mais simples do que as dos segmentos não vozeados. Acresce, ainda, a complexidade de os grafemas <s> e <z> também representarem uma fricativa em final de sílaba (*mós, rapaz*), o que pode atrasar um pouco o domínio de todos estes segmentos na escrita infantil.

Em Martins e Saramago (1993) foram comparados materiais provenientes de várias fontes: recolhas de Leite de Vasconcelos desde o final do século XIX até à década de 1930, o material de Luís Filipe Lindley Cintra dos anos 1950 e os dados dos anos de 1970 recolhidos para o *Atlas Linguarum Europae*, com o objetivo de perceber os contornos da mudança do sistema de quatro sibilantes. Estes autores puderam assim salientar o facto de este sistema de sibilantes se encontrar em regressão territorial, na medida em que a análise de materiais do *Atlas Linguarum Europae* (ALE) lhes permitiu ver que não se mantêm todos os contrastes em todas as regiões inicialmente identificadas como tendo este sistema. Existem regiões com muita variação a par de algumas outras, em que a consoante apical vozeada foi neutralizada com /z/, como é o caso de dois pontos estudados: Macedo de Cavaleiros e Pocinho. Por outro lado, segundo Martins e Saramago (1993), o sistema de quatro sibilantes pode ainda ser observado em locais dispersos, por exemplo na região de Viseu, contrariamente ao referido por Lindley Cintra com base nos dados da rede menos densa do *Atlas Linguístico da Península Ibérica*, mas conforme havia sido registado antes por Leite de Vasconcelos. A retração do sistema de quatro sibilantes, segundo Martins e Saramago (1993), ocorreu desde finais do século XIX até à década de 1970.

⁴ Segura (2013, p. 99) refere que, já no século XIII, se observavam confusões gráficas das sibilantes, muito embora só no século XVI elas fossem objetivamente censuradas, em fontes que chegaram até aos nossos dias.

Segundo Segura (2013, p. 97), o sistema mais conservador de quatro sibilantes foi muito extenso em toda a România, embora, hoje em dia, seja preservado apenas em regiões do Norte de Portugal e da Galiza contíguas às regiões portuguesas que o conservam.

Aquisição dos segmentos fricativos coronais

Nos estudos sobre o desenvolvimento fonológico típico do PE, tem sido observado que os segmentos fricativos são a segunda classe de segmentos consonânticos a ser adquirida, depois das consoantes oclusivas orais e nasais (AMORIM, 2015; COSTA, 2010; FREITAS, 1997, entre outros), embora, não se conheçam ainda os percursos de aquisição dos segmentos apicais. Apesar de as sibilantes constituírem a segunda classe consonântica a ser adquirida, a sua estabilização é tardia em Ataque não ramificado, sendo, além disso, uma classe para a qual se regista muita variação individual no processo de aquisição da língua, como se pode observar na Figura 3, adaptada de Ramalho e Freitas (2019).

Figura 3 – Idade de aquisição das sibilantes em ataque não ramificado no PE (adaptado de RAMALHO; FREITAS, 2019)

	/s/	/z/	/ʃ/	/ʒ/
Mendes <i>et al.</i> (2009/2013)	3;0-3;6	4;0-4;6	3;0-3;6	4;0-4;6
Amorim (2014)	3;0-3;5	4;0-4;5	3;0-3;5	3;0-3;5
Ramalho (2017)	3;0-3;11	4;0-4;11	4;0-4;11	4;0-4;11

Apesar da existência de diferenças metodológicas entre os diversos trabalhos, como é possível observar pelos dados da tabela acima, há uma clara tendência para aquisição mais precoce das sibilantes [-vozeadas], ou seja, /s/ e /ʃ/. Só numa fase posterior são adquiridas as [+vozeadas], /z/ e /ʒ/. Assim, é possível observar que pode existir uma interação entre o ponto de articulação (PA) e o vozeamento, uma vez que a ordem de aquisição é [+anterior] >> [-anterior], mas, nas crianças do PE, primeiro são adquiridas as sibilantes não vozeadas e só depois as vozeadas (MATZENAUER; COSTA, 2017). Como tal, os dados registados apontam para a seguinte ordem de aquisição /s/ >> /ʃ/ >> /z/ >> /ʒ/. De acordo com os objetivos do nosso estudo, centrar-nos-emos apenas na descrição da aquisição dos segmentos /s/ e /z/.

O segmento consonântico /s/ é, segundo os três estudos mencionados, o primeiro da classe das sibilantes a ser adquirido, sendo a idade mais tardia de aquisição e estabilização 3;11 anos registada por Ramalho (2017). A consoante /z/ é a terceira sibilante a surgir no inventário fonológico das crianças. Como é possível observar, a sua aquisição começa nos 3;0 anos e pode considerar-se adquirida e estabilizada só aos 4;11 anos.

Relativamente às estratégias de reconstrução mais comuns durante a aquisição fonológica, como foi observado em vários estudos, as substituições na classe das fricativas coronais (e, em particular, nos segmentos /s/ e /z/) envolvem os traços [anterior] e [vozeado] (AMORIM, 2014; COSTA, 2010; RAMALHO, 2017, entre outros). A Figura 4 indica, de forma resumida, as principais produções desviantes observadas nestes trabalhos.

Figura 4 – Desvios fonológicos observados em Costa (2010), Amorim (2014) e Ramalho (2017)

	/s/		/z/	
	Anterior	Vozeado	Anterior	Vozeado
Costa (2010) ⁵	Saco → ['faku]	-	Casa → ['kaze]	-
Amorim (2014)	Sofá → [ju'fa]	Calças → ['katze]	Azul → [a'zuʔ]	Zebra → ['seβe]
Ramalho (2017)	Calças → ['kawʒe]	-	Mesa → ['mezɐ]	-
			Zoológico → [ju'ʌzɪk ^h u ^h]	

Para além das estratégias de reconstrução envolvendo os traços [anterior] e [vozeado], foram também registados casos em que a estrutura alvo foi substituída por uma consoante oclusiva, como em *maçã* produzido como [me:'me] (COSTA, 2010) e *zoológico* produzido como [du'ʌzɪku] (AMORIM, 2014).

Uma vez feita uma breve descrição da aquisição de /s/ e /z/, podemos concluir que ambos os segmentos consonânticos já se encontram adquiridos e estabilizados à entrada do Ensino Básico português. Como tal, não se espera que sejam estruturas problemáticas em termos de produção oral para as crianças com desenvolvimento fonológico típico a frequentar o segundo ano de escolaridade. No entanto, na aprendizagem da escrita podem revelar-se problemáticas por outras razões, entre as quais: i) devido à complexidade da aprendizagem da escrita como um todo; ii) devido à complexidade/opacidade ortográfica do sistema de escrita, nomeadamente diferenças relacionadas com o número de segmentos fonológicos e de grafemas consonânticos, disponíveis em cada variedade dialetal, entre outros fatores. Uma complexidade adicional respeitante aos grafemas <s> e <z> ocorre por via de estes grafemas servirem também para grafar a fricativa /S/ em fim de sílaba (*nós*, *noz*). No PE, contudo, os dois grafemas correspondem em coda a sons classificados como [-anterior]. [ʒ] antes de consoante vozeada, e [ʒ] nos restantes contextos.

Aquisição da escrita das consoantes sibilantes em português

A escrita infantil tem sido explorada com frequência para obter informação acerca do conhecimento linguístico das crianças em diversas fases do seu desenvolvimento, nomeadamente o conhecimento fonológico (CHACON, 2008; MIRANDA, 2009; TREIMAN, 1998, p. 291; VELOSO, 2003; 2010). A modalidade escrita da língua é de acesso mais rápido e, embora não dispense uma observação direta da produção e da perceção das unidades sonoras, pode trazer contributos relevantes sobre o conhecimento linguístico das crianças. Por intermédio da análise das representações escritas de textos de crianças de localidades pertencentes a três variedades dialetais distintas analisadas neste artigo, de modo indireto, pretende-se perceber se as crianças da variedade com mais unidades fonológicas apresentam melhores resultados do que as restantes.

⁵ Este estudo teve como principal foco o Ponto de Articulação e o Modo de Articulação das consoantes do PE.

A língua portuguesa possui um sistema de escrita alfabético, onde se estabelece com frequência uma correspondência biunívoca entre fonema e grafema, ou seja, a cada segmento fonológico corresponde um símbolo gráfico (SEBASTIÃO, 2009; VELOSO, 2005). Contudo, isto nem sempre se verifica, uma vez que a relação entre fonema-grafema é, por vezes, múltipla. É esse o caso dos segmentos selecionados neste estudo, pois ambos os fonemas têm diferentes representações gráficas associadas, conforme indicado nas Figuras 5 e 6.

Figura 5 – Grafemas correspondentes a /s/

Fonema	Fone	Grafia	Exemplos
/s/	[s]	<c>	cereja, ácido
		<-ç->	açúcar, aço
		<s->/<ns->	sapato, manso
		<-ss->	pêssego, passo
		<-x->	auxiliar, máximo

Figura 6 – Grafemas correspondentes a /z/

Fonema	Fone	Grafia	Exemplo
/z/	[z]	<-s->	casa, mesa
		<-x->	exame, exorbitar
		<z>	azul, zunir

Deste modo, as sibilantes apresentam grande complexidade ortográfica (por exemplo, o /s/ pode ser grafado como <s-> *sapo*, <c> *cera*, <-ç-> *paço*, <-ss-> *passo* ou <-x-> *máximo*), especialmente para os falantes de regiões onde o sistema de quatro unidades sonoras (/s/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/) se fundiu em sistemas com apenas duas unidades subjacentes, /s/, /z/ ou /ʃ/ e /ʒ/ no PE.

Apesar de amplamente reconhecida a existência de dificuldades na aprendizagem da escrita das sibilantes em Portugal, até ao momento, não conhecemos estudos comparativos do desempenho ortográfico de crianças portuguesas das três regiões dialetais aqui analisadas acerca das consoantes sibilantes. O estudo servirá também para apurar se as crianças das duas localidades CS e MB revelam dificuldades semelhantes. A existência de representações gráficas múltiplas para os sons [s] e [z] acarreta a ocorrência de erros ortográficos, inclusive, em adultos, pelo que o seu estudo em textos de crianças nos pode ajudar a delinear linhas de intervenção adequadas à sua supressão, no futuro.

Em contrapartida, no que se refere ao português do Brasil existem diversos estudos que comprovam a existência de dificuldades devidas à existência de opacidade na relação fono-grafémica (GUIMARÃES, 2005; MONTEIRO, 2008; PASCHOAL; PEZARIN; VAZ; CHACON, 2014; PASCHOAL, 2017; SCHIER, BERTI, CHACON, 2013; entre outros).

Paschoal *et al.* (2014), apesar de registar uma taxa mais alta de acerto do que de erro para as fricativas (classe natural na qual se inserem as sibilantes), referem que as substituições são o tipo de erro mais frequente, tendo estas dois tipos: as substituições fonológicas e as substituições ortográficas. As substituições fonológicas ocorrem quando a forma escrita levaria a que se alterasse a estrutura fónica da palavra, por exemplo, escrever *zinco* como

cinco. As substituições ortográficas correspondem a casos como o de escrever *caça* como *cassa*, em que não existe alteração da pronúncia da palavra devido ao erro. Foi ainda verificado, além disso, que i) não havia diferenças significativas no número de erros nas fricativas de sílabas acentuadas face aos de sílabas não acentuadas; ii) que se registavam mais substituições fonológicas do que de substituições ortográficas; e que o número de omissões era muito inferior ao dos outros tipos de erro.

Por sua vez, Paschoal (2017) e Schier *et al.* (2013), observaram que muitas das substituições fonológicas registadas estavam relacionados com o ponto de articulação e o traço de vozeamento, tal como acontece durante o processo de aquisição da língua. Contudo, ambos os trabalhos mostraram que, na ortografia, as substituições que envolvem o traço [vozeado] são muito mais expressivas do que as representações não convencionais que envolvem a troca do ponto de articulação, porventura porque o ponto de articulação é mais saliente do que o traço vozeado.

Guimarães (2005), na sua amostra do som [z], observou a existência de uma tendência para as crianças optarem pelo grafema <s>, não sendo, segundo a autora, tão frequentes as substituições de <s> por <z>. Quanto às representações múltiplas do som [s], a autora divide os resultados consoante a posição do som nas palavras. Para o som [s] no início de palavra, as crianças têm alguma tendência para o uso do grafema <c>. Em posição intervocálica, a autora registou uma preferência pelo uso do grafema <s>, em quase toda a sua amostra.

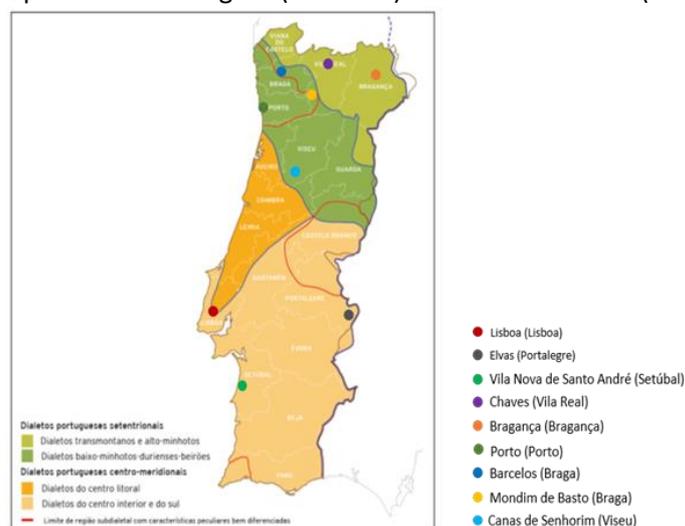
Se partirmos da ideia de que, como se afirma em Miranda e Pachalski (2020, p. 378), “os erros (orto)gráficos são potencialmente reveladores do conhecimento fonológico em construção da criança”, embora a maior parte deles seja constituída por substituições ortográficas, e não substituições fonológicas, estas substituições funcionam como pistas para percebermos qual é o conhecimento das unidades fonológicas do sistema da criança em cada momento. Este tipo de desvio ortográfico deve-se à complexidade da relação som-grafema na língua e implica a troca de uma grafia por outra que representa a mesma unidade sonora em contexto diferente. Contudo, como dissemos, é de supor que existam mais dificuldades nuns falantes do que noutros devido à respetiva origem dialetal, logo existe interesse no estudo dos erros ortográficos do ponto de vista da fonologia. Além de que, a aprendizagem da escrita pode provocar reestruturação do sistema fonológico previamente adquirido, por, devido à reflexão que então a criança é forçada a fazer, haver uma atualização da estrutura fonológica de alguns segmentos e de estruturas fonológicas das palavras mais condicente com as do sistema do adulto. Se se observarem diferenças entre os resultados das crianças das três variedades linguísticas em estudo, esses resultados poderão indicar se todos os subsistemas fonológicos são preservados hoje em dia ou se, pelo contrário, isso já não acontece.

Metodologia e objetivos

Para constituição da amostra de dados do presente trabalho, recorreremos ao *corpus* de acesso livre EFFE-On (Rodrigues; Lourenço-Gomes; Alves; Janssen; Lourenço-Gomes, 2015) na sua versão de 03 de abril de 2021. A escolha deste *corpus* prende-se com o facto de este ser

o único recurso para PE disponível online, dotado de um sistema de busca de dados ortográficos, devidamente classificados, de crianças de várias regiões dialetais de Portugal. Para além disso, os textos ali reunidos apresentam grande espontaneidade, por serem recolhidos em ambiente escolar com total liberdade criativa. Na plataforma EFFE-On estão disponíveis dois tipos de textos: textos descritivos, obtidos mediante a apresentação de imagens temáticas às crianças (Cozinha, Sala, Casa de banho, Cidade, Floresta) e textos narrativos, obtidos, em geral⁶, através da apresentação de imagens-cenário (ALVES; COSTA; LOURENÇO-GOMES; RODRIGUES, 2015; LOURENÇO-GOMES; RODRIGUES; ALVES, 2016) que apresentam uma pequena história sem texto (diversas Histórias da Bruxinha de Eva Furnari). O *corpus* providencia uma grande variedade de textos de diferentes localidades como se pode visualizar na Figura 7, abaixo, e de diversos anos de escolaridade. A recolha de dados para este *corpus* foi autorizada pelo *Ministério da Educação* português em 02-06-2017 (Monotorização de Inquéritos em Meio Escolar, MIME – Inquérito nº 0605000001, <http://mime.gepe.min-edu.pt>) e pela *Comissão Nacional de Proteção de Dados de Portugal* – Processo nº 7122/2017, autorização nº 5087/2017.

Figura 7 – Localização aproximada dos pontos de recolha da EFFE-On atualmente com adaptação do mapa dialetal de Segura (2013: 95) baseado em Cintra (1971)



Tendo como objetivo estudar dados relativos a /s/ e /z/ nas três regiões dialetais já identificadas numa fase ainda inicial do desenvolvimento da escrita, seleccionámos a escrita de crianças do segundo ano de escolaridade obtida nas localidades de B (com o sistema de quatro sibilantes, /s/, /z/, /s̺/ e /z̺/), CS e MB (ambas com o sistema de duas consoantes apicais, /s̺/ de /z̺/) e L (com o sistema de duas coronais anteriores, /s/ e /z/).

⁶ Excepcionalmente, os textos de MB consistem em composições criadas a respeito de um tema proposto (A Primavera) e, em alguns casos, a recontos de uma história previamente contada às crianças. Foram recolhidos no ano-letivo de 2010-2011. Todos os restantes textos da amostra seleccionada para o presente trabalho foram recolhidos a partir de 2012 com a metodologia habitual da EFFE-On.

L faz parte da região onde é utilizada a variedade standard de português europeu, constituindo um bom elemento de comparação com as restantes localidades. Justifica-se assim a sua inclusão neste trabalho. B, situada no extremo norte do país na região transmontana, é um dos pontos com dados disponíveis na EFFE-On onde se espera seja preservado o sistema de quatro sibilantes.

CS situa-se perto, mas a norte, da fronteira que separa os sistemas com duas sibilantes, o que tem só apicais a norte e o que tem só coronais a sul. E MB situa-se na fronteira entre o dialeto do Baixo Minho e de Trás-os-Montes pelo que se espera que preserve um sistema só com as duas apicais como CS, apesar da distância geográfica que as separa. Considerámos os dados destas duas localidades em conjunto em representação deste dialeto, porque só existem textos de uma turma por cada uma destas localidades nos dados disponíveis. Além disso, o facto de se tratar de duas localidades situadas na região Interior do país, e menos populosas do que as restantes, poderia permitir encontrar evidência de traços linguísticos conservadores, como é o caso das consoantes apicais.

Optámos por tratar exclusivamente os dados do segundo ano por as crianças serem as mais novas representadas no *corpus* e, assim, haver maior probabilidade de encontrar evidências de conhecimento linguístico pouco influenciado pela aprendizagem do sistema ortográfico.

Os textos seleccionados foram produzidos por crianças acerca das quais não há registo de problemas cognitivos ou com influência no desenvolvimento da linguagem. Foram excluídos, portanto, os textos dos alunos com reporte de terem sido acompanhados em terapia da fala, por otorrino ou psicólogo, em algum momento. Esta decisão deveu-se ao facto de não ser possível garantir que os dados obtidos com essas crianças não fossem influenciados por um possível desenvolvimento fonológico atípico. De igual modo, foram excluídos os textos das crianças bilingues e das crianças cujas informações demográficas não se encontravam disponíveis. Como tal, o grupo constituído para o estudo é homogéneo, contém apenas crianças com desenvolvimento linguístico típico, e os seus dados são comparáveis.

Na sequência de trabalhos anteriores acerca da aprendizagem da escrita de segmentos fricativos, nomeadamente Gomes e Rodrigues (no prelo), analisaremos os textos de crianças de seis turmas (duas de L, duas de B e uma de CS e uma de MB), num total de cento e nove alunos, em cento e noventa e quatro textos com o propósito de perceber se as crianças das quatro localidades consideradas apresentam evidência de conhecimento fonológico distinto umas das outras, como se espera. No total, foram obtidas 506 ocorrências para os segmentos vozeados em estudo e 1514 ocorrências para os segmentos não-vozeados em análise.

A Tabela 1, a seguir, mostra o número de crianças e de textos analisados por localidade.

Tabela 1 – Número de textos e de crianças, por sexo e localidade

Localidades	Nº de crianças por sexo		Nº de textos
	Feminino	Masculino	
L	20	19	75
CS	6	5	22
MB	11	15	31
B	19	14	66
<i>Total</i>		109	194

A média de idades das crianças de L e B é 7 anos. Em CS foi registada uma média de idades de 7,2 e em MB uma média de idades de 7,1, com um desvio-padrão de 0,4 e 0,3, respetivamente.

Uma vez extraídos os dados do *corpus*, estes foram analisados no editor *Microsoft Excel*, discriminando as formas convencionais (FCs) e não convencionais (FNCs). A seguir, foram classificadas as diversas FNCs quanto ao grafema utilizado pelas crianças. Posteriormente, procedeu-se à sua contabilização tendo em conta o som representado pelo grafema utilizado, não vozeado vs. vozeado, e o tipo FNC utilizada pelo aluno. Para o cálculo das taxas de sucesso, foram consideradas todas as estruturas produzidas de acordo com os segmentos em análise, independentemente de o item lexical poder apresentar outras FNCs noutros pontos da palavra.

Das três regiões dialetais, a região de B é a que apresenta mais distinções fonológicas. Apresenta, assim, uma correlação mais próxima com a representação ortográfica, como já referido na secção 1.5. Prevemos, por isso, que em B se observem menos erros do que nas outras localidades analisadas, o que está de acordo com a possível manutenção do sistema fonológico de quatro sibilantes entre as crianças desta cidade. Porém, parece-nos relevante determinar se, efetivamente, as crianças das regiões em que as quatro sibilantes se neutralizaram em apenas duas consoantes apresentam melhor ou pior desempenho na escrita dos segmentos sibilantes. Com efeito, a opacidade ortográfica das consoantes sibilantes do português gera erros nas diversas fases de aprendizagem da escrita em falantes de PE padrão e, em algumas pessoas, estes mantêm-se ao longo da vida. Por um lado, o desconhecimento das regras ortográficas que regem o uso dos diversos grafemas nos contextos apropriados e, por outro lado, a existência de arbitrariedade ortográfica parece estar na origem de tais desvios.

O nosso objetivo é, então, descrever o comportamento ortográfico de crianças no segundo ano de escolaridade de três regiões dialetais com sistemas fonológicos distintos relativos às sibilantes: i) L, com oposição entre os segmentos /s/ e /z/; ii) MB e CS com oposição entre /s/ vs. /z/ e iii) B, com oposição entre /s/, /z/, /s/ e /z/. Deste modo, procuramos determinar se as crianças das regiões analisadas, cujos dados foram recolhidos nos últimos dez anos, apresentam evidência de conhecimento fonológico distinto umas das outras, isto é, conhecimento das sibilantes específicas do seu dialeto.

Formulamos as seguintes hipóteses:

1. *A taxa de sucesso nos textos de B será mais alta do que a das outras regiões dialetais, em face da menor opacidade da relação fonema-grafema aí observada.*
2. *A taxa de sucesso será mais alta para o(s) segmento(s) vozeados, uma vez que estes implicam menor complexidade ortográfica do que os não vozeados.*

Resultados

Os resultados referentes às grafias dos segmentos não vozeados existentes nas quatro localidades analisadas encontram-se na Tabela 2⁷.

Tabela 2 – Percentagem total de FCs e de FNCs dos grafemas correspondentes aos segmentos não vozeados

	n	%
FCs	1133	74,8
FNCs	382	25,2
<i>Total</i>	1514	100

Uma abordagem global dos resultados permite ver que, das 1514 ocorrências do *corpus* para os segmentos não-vozeados em análise, 382 correspondem a FNCs, perfazendo, assim, 25,2% dos dados.

Tabela 3 – Percentagem de FNCs dos grafemas correspondentes aos segmentos não vozeados no 2º ano de escolaridade por localidade

Grafema	Localidades											
	L			CS			MB			B		
	n	FNC	%	n	FNC	%	n	FNC	%	n	FNC	%
<c>	97	42	43.3	21	7	33.3	38	3	7.9	69	42	60.9
<-ç->	84	37	44	62	31	50	98	6	6.1	79	25	31.7
<s->	221	26	11.8	72	9	12.5	97	1	1.02	180	13	7.2
<-ss->	171	62	36.3	25	11	44	84	6	7.1	112	24	21.4
<-x->	2	2	100	0	-	-	1	0	0	1	1	100

Como é possível observar, das quatro regiões em estudo, destaca-se claramente a região de L com quase metade das representações desviantes, num total de 171 FNCs das 382 FNCs registadas para as quatro localidades. Posteriormente, a localidade onde se registam mais FNCs é a de B, registando-se 107 FNCs, seguida de CS, com 88 representações não convencionais e, por fim, MB com 16 FNCs.

Numa análise mais fina, a Tabela 4 permite observar que os segmentos sibilantes não vozeados apresentam menos FNCs quando a sua representação grafémica é <s-> (sempre inferior a 15%). Isto é verdadeiro para as quatro localidades observadas, permitindo-nos

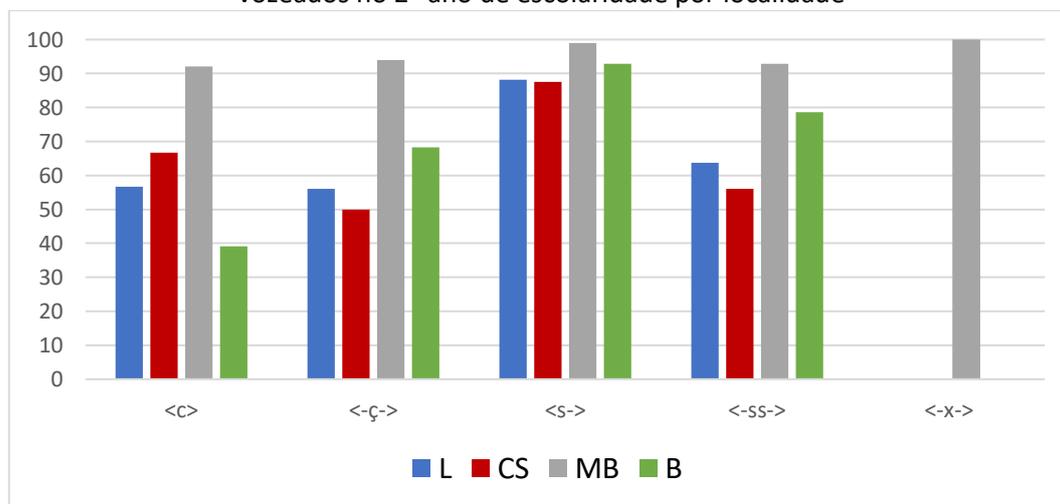
⁷ Referimo-nos no plural às consoantes, na medida em que estamos a comparar dados de variedades em que existe número diferente de unidades no respetivo sistema fonológico.

concluir que para o segmento não vozeado a representação preferida pelas crianças é a forma gráfica <s->. Passando agora a uma análise dos resultados por grafema, podemos observar que o grafema <s-> regista a seguinte ordem decrescente de frequência de FNCs: CS > L > B > MB. Já no que se refere a <ss>, as frequências de FNCs de L (36,3%) e de CS (44%) são as mais elevadas e distinguem-se das de B, onde se regista uma percentagem de FNCs inferior a 22%. Se, por um lado, este resultado está de acordo com o esperado, tendo em conta a existência do sistema de quatro sibilantes em B, por outro, torna-se inesperado no caso de CS com um resultado de 44%, acima do valor já elevado de L, 36,8%. Em relação ao grafema <c>, podemos ver que, ao contrário do que se passa nos dois casos anteriores, é B a localidade em que se regista frequência mais alta de FNCs, 60,9%, embora em todas as localidades, exceto MB (7,9%), a frequência de FNCs seja alta. No que se relaciona com o grafema <-ç->, a frequência de FNCs de CS é mais alta do que nas outras três localidades, registando-se 50% de representações gráficas desviantes. Quanto ao grafema <-x->, foram registadas, no total, apenas 4 ocorrências, das quais 3 correspondem a formas gráficas desviantes: 2 em L e 1 na região de B. Por fim, e como é possível observar, MB é a localidade onde se verificaram menos FNCs, observando-se uma percentagem de FNCs sempre inferior a 10% para todos os grafemas.

Posto isto, os grafemas que mais suscitam FNCs nas quatro localidades não são os mesmos: em L é <-ç->, em CS e MB são <-ç-> e <-ss-> e, em B, é, muito claramente, <c>.

O Gráfico 1 apresenta as taxas percentuais de acerto para os cinco grafemas nas quatro localidades.

Gráfico 1 – Taxas percentuais de sucesso dos grafemas correspondentes aos segmentos não vozeados no 2º ano de escolaridade por localidade



Relativamente às taxas de sucesso dos diversos grafemas, verificamos que as representações gráficas <c> e <-ç-> são as que apresentam percentagens de acerto mais baixas em todas as regiões, com exceção de MB, onde atingem 92,1% e 93,9% das ocorrências, respetivamente, e de B para o grafema <-ç-> com 68,3%. Posto isto, para o grafema <c>, L regista, em 97 ocorrências, uma taxa de acerto de 56,7%, CS regista, por sua vez, 66,7%, em

21 palavras observas, e, por fim, B regista, para 69 palavras, uma taxa de acerto de 39,1%. Quanto à forma gráfica <-ç->, verificou-se para L que 56% das 84 palavras analisadas correspondem a FCs e para CS verificou-se que 50% das 62 palavras correspondiam à forma ortográfica convencional. Estes valores podem, eventualmente, ser explicados pela baixa frequência relativa destas representações gráficas associadas ao som [s] no PE. Para além disso, <c> também representa na ortografia do português o som [k] antes das vogais dorsais e labiais e, desta forma, pode confundir alguns dos estudantes, gerando como consequência estas taxas de sucesso mais baixas. Por este motivo, pode, eventualmente, também ser explicada a baixa taxa de sucesso de B, com 39,1% de formas convencionais em 69 ocorrências, uma vez que é a região onde se verifica a taxa de sucesso mais baixa, para este grafema.

O grafema <s-> é o que regista uma maior homogeneidade de resultados nas quatro localidades, sendo que em todas apresenta valores muito elevados de acerto sem grande variação entre as regiões dos diferentes dialetos. A sua alta frequência na escrita em português parece facilitar a aprendizagem destas crianças em representação do(s) segmento(s) não vozeado(s). Por sua vez, os resultados para o dígrafo <-ss-> permitem criar dois grupos distintos: o grupo dos estudantes de MB e de B, onde se registam taxas de acerto superiores a 78%, e o de estudantes de L e CS, com taxas de sucesso inferiores a 64%.

Por último, são descritos os resultados obtidos para <-x->. Como foi referido anteriormente, foram apenas observadas quatro ocorrências relativas a este grafema, uma das quais corretamente escrita em MB, havendo duas FNCs em L e uma em B. Não é possível considerarmos estes resultados representativos, uma vez que são em tão escassa quantidade, o que nos impossibilita concluir qual é o verdadeiro comportamento das crianças para o grafema <x>, quando este corresponde ao som [s].

Comparando, agora, os três dialetos entre si, observa-se que o dialeto da região de L, considerado a variedade standard, é o que, no geral, apresenta taxas de sucesso mais baixas. Por outro lado, os dialetos baixo-minhotos, durienses e beirões – aqui representados pelas localidades de MB e CS – e os dialetos transmontanos e alto-minhotos – representados por B – são os que apresentam taxas de sucesso mais elevadas. Destes dois grupos, destaca-se, de forma inesperada, a alta percentagem de acerto dos alunos dos dialetos baixo-minhotos, durienses e beirões, embora isso se deva, sobretudo, ao desempenho das crianças de MB. As elevadas taxas de sucesso para estas duas localidades, CS e, em particular, MB permitem-nos especular que aí exista preservação do sistema de quatro sibilantes. Essa preservação em CS pode ser compreendida com base na, já referida, existência de quatro sibilantes registada para o concelho de Carregado do Sal e, no caso de MB, devido ao contacto próximo com as variedades transmontanas, suas vizinhas.

Em suma, verifica-se uma forte influência da variedade dialetal dos estudantes no seu sucesso escolar, nomeadamente, no que se refere à aprendizagem da escrita dos segmentos sibilantes não vozeados. Com efeito, os estudantes das regiões onde o sistema fonológico contém mais unidades são os que obtêm melhores resultados, enquanto os alunos da região de L, onde existe uma maior opacidade entre a oralidade e a escrita, possuem os valores mais

baixos de acerto. Assim, a mera exposição (ou não) a determinados contrastes segmentais na oralidade pode, por si só, ser suficiente para se observar o seu impacto na aprendizagem da escrita infantil. Posto isto, é de reter a seguinte ordem decrescente relativa às taxas de sucesso por região: MB > B > CS > L.

Vejam agora, os resultados referentes aos grafemas das consoantes sibilantes vozeadas – Tabela 4.

Tabela 4 – Percentagem total de FN e de FNCs dos grafemas correspondentes aos segmentos vozeados

	n	%
FC	425	84
FNCs	81	16
<i>Total</i>	506	100

Globalmente, torna-se clara a existência de frequências mais baixas de FNCs para os segmentos sibilantes vozeados do que as registadas para os não vozeados (cf. Tabela 2). Assim, e retomando a nossa segunda hipótese - *a taxa de sucesso será mais alta para o(s) segmento(s) vozeados, uma vez que estes implicam menor complexidade ortográfica do que os não vozeados* –, verifica-se que 81, dos 506 dados obtidos para os segmentos vozeados em estudo, correspondem a representações gráficas desviantes. Por outras palavras, as FNCs correspondem a 16% das ocorrências registadas. Quanto às FNCs relativas aos segmentos vozeados, estas correspondem a 25,2% das 1514 registadas na amostra, ou seja, foram observadas 382 FNCs, no total. Deste modo, é possível confirmar a nossa segunda hipótese, uma vez que a menor complexidade gráfica dos segmentos vozeados se traduziu num menor número de FNCs, sendo que os segmentos não-vozeados registam uma taxa de acerto de 76,8% e os segmentos vozeados registam uma taxa de acerto de 84%. Contudo, devemos mencionar o facto de existir uma relativa disparidade entre o número de ocorrências para cada um dos segmentos – 506 correspondentes aos segmentos vozeados e 1514 aos segmentos não-vozeados, que se pode dever quer ao tipo de estímulos utilizados durante a recolha de dados quer à maior frequência no léxico do português da sibilante não vozeada. A diferença entre os valores registados de acerto nas consoantes sibilantes vozeadas e não vozeadas reflete que a existência de múltiplas grafias para os sons não vozeados perturba nitidamente a aprendizagem das crianças. Porém, a prevalência dos segmentos não vozeados na língua, que promove o contacto das crianças com as formas convencionais, promove o inverso, fazendo com que as crianças, apesar de tudo apresentem, taxas de sucesso altas ou relativamente altas em qualquer das cidades analisadas. O efeito de frequência no léxico é muito evidente, de resto, no caso da opção por <s> como estratégia adotada pelas crianças para escrever os diferentes segmentos, como já referimos.

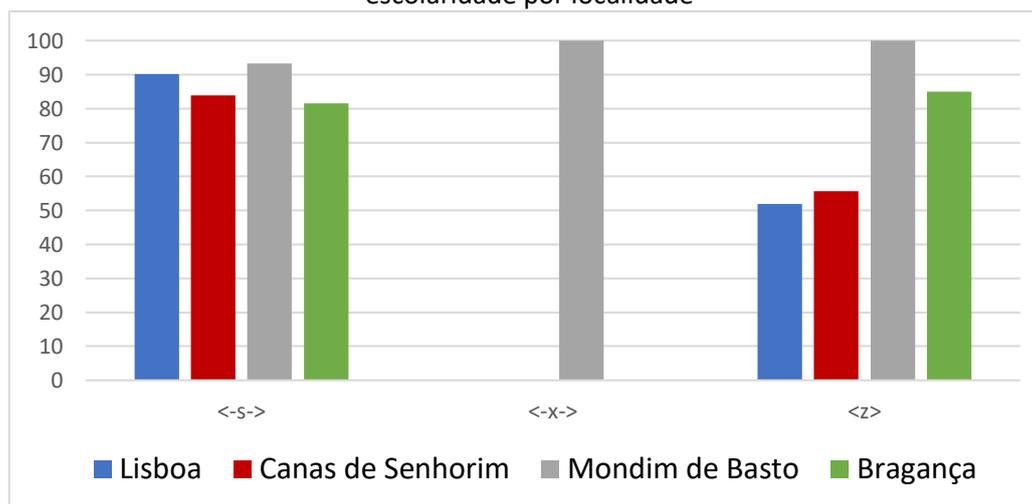
Tabela 5 – Percentagens de FNCs dos grafemas correspondentes aos segmentos vozeados no 2º ano de escolaridade por localidade

Grafema	Localidades											
	L			CS			MB			B		
	n	FNC	%	n	FNC	%	n	FNC	%	n	FNC	%
<-s->	123	12	9.8	31	5	16.1	45	3	6.7	108	20	18.5
<-x->	0	-	-	0	-	-	1	0	0	0	0	-
<z>	54	26	48.1	18	8	44.4	71	0	0	53	8	15.1

No que se refere ao grafema <z>, L e CS apresentam as frequências mais altas de FNCs, superiores a 40%, seguidas de B que apresenta uma percentagem muito mais baixa, 15,1%. MB destaca-se, claramente por não ter registo de qualquer FNC para o grafema <z>. Em relação ao grafema-alvo <-s->, os resultados mostram que as crianças de L e CS apresentam frequência mais baixa de FNCs do que a que elas apresentam para o grafema <z>. Em sentido contrário vão os resultados das crianças de B. Estas crianças apresentam um valor um pouco mais alto de FNCs para <-s->, 18,5%, embora não deixe de ser próximo das das outras duas localidades, com L e CS a registarem uma percentagem de FNCs de 8,9% e 15,6%, respetivamente. Em MB, foi registada uma frequência de 6,7% de FNCs para <-s->. Por fim, para o grafema <-x->, não foi registada nenhuma FNC.

O Gráfico 2, a seguir, exhibe as taxas percentuais de acerto dos três grafemas correspondentes a segmentos vozeados nas quatro localidades, L, B, MB e CS.

Gráfico 2 – Taxas de sucesso dos grafemas correspondentes aos segmentos vozeados no 2º ano de escolaridade por localidade



Como é possível concluir ao observar no Gráfico 2, existe alguma homogeneidade nos valores relativos ao grafema <-s->, com todas as localidades a registarem taxas de sucesso superiores a 80%. Em contrapartida, para a forma gráfica <z> verifica-se, novamente, dois grupos de regiões diferentes entre si: o grupo de MB e de B com taxas de sucesso elevadas (sendo que na primeira o valor se situa nos 100% e na segunda o valor se situa nos 84,9%) e o grupo das localidades de CS e L, com taxas de acerto relativamente baixas de 55,6% e 51,9%,

respetivamente. Deste modo, a taxa de sucesso para <z> por ordem decrescente é a que se segue: MB > B > CS > L.

A elevada taxa de sucesso do grafema <-s-> poderá, possivelmente, ser explicada pela sua alta frequência em português, promotora da familiaridade das crianças com o mesmo. Assim, em caso de dúvida, as crianças parecem revelar uma certa tendência para a escolha do grafema <-s-> em vez de <z> convencional menos frequente no léxico do português.

Relativamente ao grafema <-x->, quando este corresponde à consoante não-vozeada [z], foi apenas observada uma ocorrência escrita de forma convencional na localidade de MB, pelo que não é possível extrair dos dados mais informação relevante.

Tal como acontece com os segmentos não vozeados, no caso dos segmentos vozeados é possível observar a influência do dialeto na aprendizagem da escrita, sendo isto, particularmente evidente para o grafema <z>. Uma vez mais, as crianças da variedade linguística padrão apresentam resultados inferiores aos das crianças dos dialetos setentrionais. Como já foi referido em relação aos segmentos vozeados, esta diferença pode dever-se à maior opacidade da grafia para os falantes de L. Os alunos desta região sentem uma maior dificuldade durante o processo de aprendizagem da escrita dos segmentos sibilantes, dado que o seu inventário fonológico não contém tantos segmentos que lhes permitam compreender com facilidade a relação entre os segmentos da oralidade e a sua correspondência grafémica na escrita, tal como acontece com os estudantes das outras regiões dialetais aqui estudadas.

Estes resultados permitem, ainda, colocar a hipótese, linguisticamente relevante, de as crianças em MB possuírem conhecimento do contraste entre as quatro unidades fonológicas, /s/, /z/, /s̺/ e /z̺/. Se assim vier a ser demonstrado, em vez de MB pertencer à região dialetal com dois segmentos apicais apenas, esta fará parte dos dialetos transmontanos atualmente. Isso, porque é uma região do interior do país que conflui com a região transmontana, onde mais se preserva o sistema com mais sibilantes. Como já foi mencionado, o sistema de quatro sibilantes - historicamente mais antigo - emerge em pontos distantes no país, em função da progressiva substituição pelos outros sistemas simplificados, sobretudo o do português centro-meridional. Por sua vez, os dados relativos a CS não nos permitem concluir, de modo tão seguro, que as crianças tenham o seu desempenho na escrita influenciado pelo seu conhecimento prévio do sistema de quatro sibilantes, muito embora estas apresentem taxas de sucesso apenas um pouco mais baixas do que as registadas em MB. Nomeadamente, CS regista uma taxa de acerto de 84,4% para o grafema <-s-> e 55,6% para o grafema <z>, quando os dois grafemas correspondem aos segmentos vozeados em posição inicial de sílaba, e MB regista uma taxa de acerto de 93,3% para <-s-> e 100% para <z>. Contudo, é de sublinhar que, em termos globais, foi registada a mesma ordem das taxas de sucesso: MB > B > CS > L.

Estratégias de reconstrução

As tabelas seguintes (Tabelas 6 e 7) mostram as estratégias utilizadas pelas crianças em substituição dos diversos grafemas aqui analisados.

A Tabela 6 contém informação relativa aos grafemas correspondentes a segmentos não vozeados. Agrupámos em “Outros” as estratégias com menos de dez ocorrências nos dados.

Tabela 6 – Estratégias de reconstrução utilizadas para os grafemas correspondentes a segmentos sibilantes não vozeados

Estratégia de reconstrução	Grafema convencional									
	<c>		<-ç->		<s->		<-ss->		<-x->	
	n	%	n	%	n	%	n	%	n	%
<c>			12	12.1	24	49	6	5.8	1	33.3
<ç>	4	4.3			12	24.5	10	9.7	0	0
<ss>	10	10.6	24	24.2	12	24.5			2	66.7
<s>	78	83	61	61.6			87	84.5	0	0
Outras produções	2	2.1	2	2.1	1	2	0	0	0	0

A Tabela 6 mostra que as estratégias de reconstrução mais frequentes na escrita das crianças para as sibilantes não vozeadas envolvem sempre grafemas correspondentes a segmentos da mesma classe natural, ou seja, são sempre grafemas que correspondem a fricativas coronais. Vê-se, também, que <s> consiste na principal estratégia de reconstrução utilizada, apresentando sempre uma percentagem elevada para qualquer um dos três grafemas-alvo, <c> 83%, <ç> 61,6%, e <ss> 84,5%. O motivo pelo qual <s> é a estratégia de reconstrução mais recorrente pode ser, como já foi referido, explicado eventualmente pelo facto de este grafema ser muito frequente na língua. Assim, em caso de dúvida, os estudantes recorrem à estrutura com que estão mais familiarizados. L é a localidade onde esta estratégia de substituição foi mais utilizada em termos absolutos, pois 45,2% dos dados analisados são provenientes dos textos dos alunos desta cidade. A seguir, são os alunos de B e de CS a fazer uso de <s> como estratégia de reconstrução, uma vez que aí se registaram 76 e 38 ocorrências de <s> como FNC, respetivamente. MB, quer pelo número mais reduzido de textos quer de FNCs, regista menos vezes a substituição dos diversos grafemas por <s> não convencional.

No caso das palavras escritas convencionalmente com o grafema <s->, naturalmente, as estratégias de reconstrução apresentam valores mais próximos umas das outras, a saber, <c> 49%, <-ç-> 24,5% e <-ss-> 24,5%. Destes três grafemas, destaca-se o <c> que ocorre como estratégia de reconstrução para um <s-> sobretudo em posição inicial de palavra se seguido das vogais <e> ou <i>, ou seja, surge em palavras com arbitrariedade ortográfica para o /s/ em português. Por outras palavras, das 24 ocorrências registadas, 20 correspondem a

substituições no início de palavra (dezasseis seguidas da vogal <e>, duas seguidas da vogal <i> e outras duas seguidas da vogal <o>). Contudo, estes dados não deixam de evidenciar já conhecimento ortográfico, uma vez que <c> só corresponde ao som [s] se for seguido das vogais <i> e <e>. Por fim, importa ainda referir que <s-> foi o grafema que registou menos FNCs nos dados observados, 49 FNCs, em 570 ocorrências no total.

Foi possível constatar que a principal estratégia de reconstrução, além de <s>, corresponde ao dígrafo <ss>. Esta estratégia foi utilizada 10 vezes para o grafema <c>, 24 vezes para o grafema <ç>, 12 vezes para <s> e, por fim, 2 vezes para o grafema <x>. O dígrafo só foi registado como estratégia de reconstrução, em posição medial de palavra. Como tal, é possível pensar que as crianças já perceberam onde devem utilizar o dígrafo <-ss->, ou seja, nunca em posição inicial de palavra. Uma vez mais, é L a região a apresentar um número mais elevado de FNCs recorrendo à estratégia de reconstrução <ss>, num total de 28 registos. Seguidamente, aparecem B com 12 ocorrências e CS com 9 ocorrências. Para MB só foram registadas 2 FNCs com <-ss-> como estratégia da criança para a escrita de palavras com outros grafemas convencionalmente.

Em relação às estratégias de reconstrução utilizadas para o dígrafo <-ss->, há uma clara tendência para o uso de <s> com 87 ocorrências, como já foi mencionado. Além de <s>, surge o grafema <ç> com 10 ocorrências e, por último, <c> com 6 ocorrências.

Por fim, resta apenas descrever os dados obtidos nas estratégias de reconstrução para <c> e <-ç->. Começando a análise pelo grafema <-ç->, verifica-se a seguinte ordem decrescente de preferência nas estratégias de reconstrução: <s>, <ss> e <c>, com 61,6%, 24,2% e 12,1%, respetivamente. Neste caso, foram também registadas duas omissões de <-ç->, sendo que uma ocorre em CS e outra em B. Quanto ao <c>, verificou-se que, no total de 94 FNCs, 4 correspondem ao <ç>, 10 ao dígrafo <ss> e 78 a <s>. Foram observadas, ainda, duas FNCs com a forma <ts> para o grafema <c> na região de L – ambas produzidas pelo estudante número 42 do *corpus*. Estas e outras ocorrências podem ser consultadas no anexo 1, onde se encontram vários exemplos de FNCs para as cinco formas gráficas dos sons não vozeados em estudo. Vejamos agora a informação relativa às estratégias de reconstrução dos grafemas das consoantes sibilantes vozeadas – Tabela 7.

Tabela 7 – Estratégias de reconstrução utilizadas para os grafemas correspondentes aos segmentos sibilantes vozeados

Estratégia de reconstrução	Tipo de estrutura			
	<s>		<z>	
	n	%	n	%
<s>			41	97.6
<ss>	2	5	1	2.4
<z>	36	90		
Outras produções	2	5	-	-

A Tabela 7, acima, permite destacar as duas principais estratégias de reconstrução dos segmentos vozeados em análise face às restantes. Os resultados indicam, de modo claro, a preferência por <s> como estratégia de reconstrução, no caso do grafema-alvo <z> (97,6%), e o inverso, ou seja, a estratégia de reconstruir <-s-> com a forma <z> (90%). Relativamente às outras produções, verificou-se duas ocorrências de <f> e duas ocorrências de <ss>, para o grafema-alvo <-s->, e uma ocorrência do dígrafo <ss>, para o grafema-alvo <z>.

Numa análise mais detalhada, foi possível apurar que foram registadas 26 FNCs deste tipo em L, de entre as 41 substituições por <z> observadas para o alvo <-s->. Nas outras localidades, para além de existirem menos FNCs relativas à forma gráfica <-s->, há a registar, sobretudo, um equilíbrio do número de ocorrências em CS e em B, onde se observaram 8 ocorrências para cada localidade.

Quanto ao <z> enquanto estratégia de reconstrução do grafema <-s->, devemos dizer que este só surge em posição intervocálica, como seria de esperar. Neste caso concreto, foi em B que se registaram mais substituições indevidas (19, ao todo), seguida de L com 10 ocorrências. As localidades de CS e MB registaram apenas 4 e 3 ocorrências, respetivamente, o que se prende com o número mais baixo de textos analisados destas localidades. O anexo 2 contém vários exemplos das FNCs registadas para os dois grafemas representantes dos sons vozeados em análise.

Discussão

Os resultados expostos acima espelham a influência que os dialetos dos estudantes têm no seu sucesso escolar, em particular, na aprendizagem da ortografia. Como foi possível observar, as crianças da variedade do PE standard, ou seja, as crianças de L, são as que apresentam taxas de sucesso mais baixas, quando comparadas com os estudantes das outras três regiões (CS, MB e B). Para os falantes de L, a grafia dos dois segmentos em estudo (/s/ e /z/) torna-se opaca, em virtude de ela ter sido convencionada com inspiração num estado anterior da língua portuguesa que distinguia as quatro sibilantes, /s z ʒ ʒ/. Assim, as crianças de L apresentam mais dificuldades do que as crianças de Trás-os-Montes (B) (e do que as outras regiões aqui analisadas) na representação das respetivas consoantes sibilantes. Outro resultado importante, foi o de os estudantes de MB apresentarem as taxas de acerto mais altas, nunca chegando a apresentar resultados inferiores a 90% e, como tal, superando as crianças de B. Os valores obtidos em MB permitem-nos colocar a hipótese de que nesta região o sistema de sibilantes também seja composto pelos quatro fonemas supracitados. Consideramos viável esta explicação para os nossos dados, pois MB situa-se numa zona próxima das variedades transmontanas com as quais os falantes contactam. Quanto a CS, os valores obtidos para os segmentos não vozeados também nos permitem colocar a hipótese de existir preservação das quatro sibilantes no inventário fonológico dos falantes dessa localidade ou, pelo menos, de haver contacto com falantes que as preservem (o que, como vimos, já foi registado na região de CS). Contudo, os valores observados para os segmentos vozeados em CS, em particular para o grafema <z> (55,6%), não nos permitem ter tanta

segurança como no caso de MB. Por fim, as crianças de B evidenciaram, em geral, taxas de acerto muito altas, sendo que são quase sempre superiores às taxas de sucesso dos estudantes de L e CS.

Posto isto, e retomando a primeira hipótese - *A taxa de sucesso nos textos de B será mais alta do que a das outras regiões dialetais, em face da menor opacidade da relação fonema-grafema aí observada* – podemos afirmar que esta se verifica parcialmente, pois MB obteve sempre taxas de acertos mais altas do que B. Porém, B teve quase sempre taxas de sucesso superiores a L, evidenciando, desta forma, o efeito que a mera exposição a determinados contrastes segmentais na oralidade pode ter na escrita infantil. Por outro lado, L, ao não ter exposição regular aos contrastes próprios de B, revela um impacto negativo na aprendizagem da escrita das crianças observadas.

Relativamente à segunda hipótese - *a taxa de sucesso será mais alta para o(s) segmento(s) vozeados, uma vez que estes implicam menor complexidade ortográfica do que os não vozeados* –, verifica-se que esta se confirma, pois, no total, a taxa de acerto para os segmentos não-vozeados corresponde a 76,8%, enquanto a taxa de sucesso para os segmentos vozeados se situa nos 84%. O valor atingido pelos sons não vozeados na taxa de sucesso é, contudo, relativamente alto neste estudo se considerarmos o número de múltiplas grafias destes sons. Ainda assim, conclui-se que, de entre os segmentos analisados, a aprendizagem da ortografia destas crianças revela mais dificuldades nos segmentos não vozeados do que nos vozeados.

Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo examinar as produções escritas de palavras das consoantes fricativas /s/ e /z/ em início de sílaba por parte de estudantes provenientes de diferentes zonas dialetais do PE, de forma a observar se existia ou não relação entre o desempenho ortográfico e a existência de três sistemas de sibilantes.

Os resultados obtidos permitem corroborar a influência que o dialeto do estudante tem no seu sucesso escolar, uma vez que os estudantes da localidade onde existe maior opacidade entre a oralidade e a escrita, aqui representados pelas crianças de L, são os que apresentam um pior desempenho ortográfico, relativamente aos grafemas estudados. Como tal, os resultados podem ser atribuídos às características da língua nas diversas regiões e, por consequência, ao diferente conhecimento fonológico dos segmentos que as crianças possuem. Os dados analisados também nos possibilitaram observar que, quanto mais representações gráficas houver para um som, mais difícil se torna a sua manipulação regular para a criança. Desta forma, é possível explicar porque é que as representações gráficas dos segmentos vozeados em estudo são as que levantam menos dificuldades para os estudantes do 2.º ano, resultando, assim, em menos FNCs, uma vez que estes segmentos só podem ser representados ortograficamente de três formas distintas – <-s->, <-x-> e <z>. Por sua vez, os segmentos não vozeados detêm cinco representações ortográficas possíveis – <c>, <-ç->, <s-

>, <-ss->; <-x->, gerando, como já foi referido, um maior número de dúvidas aos estudantes, especialmente, aos que se encontram numa fase inicial da aprendizagem da escrita

Para finalizar, resta-nos dizer que o presente estudo abre caminho a diversos outros trabalhos no futuro. Uma questão que se coloca na fonologia do PE é a de saber até que ponto as várias gerações de falantes preservam os traços linguísticos da variedade linguística de origem, nomeadamente os traços estigmatizados (por exemplo, a inexistência de oposição fonológica entre /b/ e /v/) ou os que constituem marcadores linguísticos como a preservação de oposição entre consoantes sibilantes apicais e coronais aqui estudada. Nessa medida será importante investigar se as sibilantes são ou não preservadas na fala infantil nos três dialetos aqui estudados e noutras regiões dialetais, de preferência, utilizando testes de produção e de perceção, pois é sabido que há sobrevivência de traços fonológicos como os que acabámos de referir em vários pontos do país em falantes adultos, não se conhecendo o respetivo efeito no conhecimento fonológico infantil.

Referências

- AMORIM, C. Padrão de aquisição de contrastes do PE: A interação entre traços, segmentos e sílabas. 2014. 398 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade do Porto, Porto, 2014.
- ALVES, I.; COSTA, P.; LOURENÇO-GOMES, M.; RODRIGUES, C. EFFE-On - Corpus online de escrita e fala. *Revista Saber & Educar*, v. 20, p. 24-33, 2015. <https://doi.org/10.17346/se.vol20.182>
- ANDRADE, A.; SLIFKA, J. Estudo fonético de sibilantes produzidas por dois falantes de um dialeto português setentrional, In: OLIVEIRA, F.; BARBOSA, J. (Eds.). *Actas do 21º Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, 2006a. p. 109-124.
- ANDRADE, A.; SLIFKA, J. *A phonetic study of sibilants produced by 2 speakers of a northern Portuguese dialect*. Manuscrito não publicado, p. 1-27, 2006b.
- ARCHANGELI, D. Aspects of Underspecification Theory. *Phonology*, v. 5, p. 183-208, 1988. <https://doi.org/10.1017/S0952675700002268>
- CHACON, L. Para além de vínculos diretos entre características fonético-segmentais e ortográficas na escrita infantil. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 16, p. 215-230, 2008. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.16.1.215-230>
- CINTRA, L. F. L. Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses. *Boletim de Filologia*, v. 22, p. 81-116, 1971.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, E. The internal organization of speech sounds. In: *The Handbook of Phonological Theory*. v. 7, 1995. p. 245-317.
- COSTA, T. *The acquisition of the consonantal system in European Portuguese: focus on place and manner features*. 2010. 296 f. Tese (Doutorado em Linguística – Linguística Portuguesa) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010. p. 143 e p. 32 de anexos.
- FREITAS, M. J. *Aquisição da estrutura silábica do português europeu*. 1997. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 1997. p. 396.

GOMES, J.; RODRIGUES, C. O grafema <x> e o dígrafo <ch>: um estudo longitudinal do desempenho ortográfico de crianças de três dialetos portugueses. *Revista de Estudos Linguísticos da Universidade do Porto*, (no prelo).

GUIMARÃES, M. R. *Um estudo sobre a aquisição da ortografia nas séries iniciais*. 2005. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Católica de Pelotas, Pelotas, 2005.

LOURENÇO-GOMES, M. C.; RODRIGUES, C.; ALVES, I. EFFE-Escreves como falas - falas como escreves? *Revue Romane*, v. 51, n. 1, p. 36-69, 2016. <https://doi.org/10.1075/rro.51.1.02gom>

MARTINS, A. M.; SARAMAGO, J. As sibilantes em português: Um estudo de geografia linguística e de fonética experimental. In: LORENZO, R. (Org.). *ATAS do XIX CONGRESO INTERNACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOXÍA ROMÁNICAS* - Universidade de Santiago de Compostela. v. 5: Gramática Histórica e História da Língua, A Coruña: Fundación Pedro Barrié de la Maza, Conde de Fenosa, 1993. p. 121-142.

MATEUS, M. H.; ANDRADE, E. *The phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

MATZENAUER, C; COSTA, T. Aquisição da fonologia em língua materna: os segmentos. In: FREITAS, M.; SANTOS, A (Eds.). *Aquisição de língua materna e não materna: Questões gerais e dados do português*. (Textbooks in Language Sciences 3), Berlim, Language Science Press, 2017. p. 51-70.

MIRANDA, A. R. M. A grafia das estruturas complexas na escrita de crianças das séries iniciais. In: PINHO, S. (Org.). *Formação de Educadores: o papel do educador e sua formação*. São Paulo: UNESP, 2009. p. 409-426.

MIRANDA, A. R. M.; PACHALSKI, L. Dados de aquisição da linguagem e sistema pretônico das vogais do Português: fonologia e ensino. *Veredas – Revista de Estudos Linguísticos*, v. 24, n. 3, p. 368-390, 2020.

MONTEIRO, C. *A aprendizagem da ortografia e o uso de estratégias metacognitivas*. 2008. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, 2008.

PASCHOAL, L.; PEZARINI, I. de O.; VAZ, S.; CHACON, L. Características da ortografia de consoantes fricativas na escrita infantil. *Audiol Commun Res.*; v. 19, n. 4, p. 333-337, 2014. <https://doi.org/10.1590/S2317-64312014000400001448>

PASCHOAL, L. *Características fonético-fonológicas e ortográfica de fonemas fricativos na escrita infantil*. 2017. 86 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2017.

PÉREZ, X. A. Á. Isoglossas portuguesas nos materiais do Atlas Lingüístico de la Península Ibérica: análise crítica da Nova Proposta de Lindley Cintra. *Zeitschrift für romanische Philologie*, Berlim, v. 131, n. 1, p. 185-223, 2015. <https://doi.org/10.1515/zrp-2015-0008>

RAMALHO, M. *Aquisição fonológica na criança: tradução e adaptação de um instrumento de avaliação interlingüístico para o PE*. 2017. 387 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Évora, Évora, 2017.

RAMALHO, A. M., FREITAS, M. J. Ainda o ponto de articulação das sibilantes na alteração fonológica primária: dados de crianças portuguesas. *Fórum Linguístico*, v. 16, n. 2, p. 3790-3808, 2019. <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2019v16n2p3790>

RODRIGUES C.; LOURENÇO-GOMES, M. C.; ALVES, I.; JANSSEN, M.; LOURENÇO, I. G. EFFE-On - *Escreves como falas - Falas como escreves?* (Online corpus of writing and speech of children in the early years of schooling), Lisboa: CLUL. 2015. ISLRN: 716-103-425-482-9. Disponível em: <http://teitok.clul.ul.pt/effe>. Acesso em: 03 abr. 2021.

SCHIER, A.; BERTI, L.; CHACON, L. Desempenho perceptual-auditivo e ortográfico de consoantes fricativas na aquisição da escrita. *Codas*, v. 25, n. 1, p. 45-51, 2013. <https://doi.org/10.1590/S2317-17822013000100009>

SEBASTIÃO, I. A competência da escrita e o erro ortográfico. *Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia*, p. 2585-2597, 2009.

SEGURA, L. Variedades dialetais do português europeu. In: RAPOSO, E.; NASCIMENTO, M. F. B. do; MOTA, M. A.; SEGURA, L.; MENDES, A. (Orgs.). *Gramática do português*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, v. I, 2013. p. 85-142.

TREIMAN, R. Why spelling? The benefits of incorporating spelling into beginning reading instruction. In: METSALA, J. L.; Ehri L. C. (Eds.). *Word recognition in beginning literacy*. Lawrence Erlbaum Associates Publishers, 1988. p. 289-313.

VELOSO, J. A língua na escrita e a escrita da língua. Algumas considerações gerais sobre transparência e opacidade fonémicas na escrita do português e outras questões. *Da Investigação às Práticas. Estudos de Natureza Educacional*, v. 6, n. 1, p. 49-69, 2005.

VELOSO, J. Primeiras produções escritas e operações metafonológicas explícitas como pistas para a caracterização inferencial do conhecimento fonológico. *Cadernos de Educação*, v. 35, p. 19-50, 2010.

VELOSO, J. Da Influência do conhecimento ortográfico sobre o conhecimento fonológico. Estudo Longitudinal de um Grupo de Crianças Falantes Nativas do Português Europeu. 2003. 521 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2003. p. 505.

Recebido em: 15/06/2021.

Aceito em: 30/09/2021.

Anexos

Anexo 1 – Exemplos de FNCs relativas às sibilantes não vozeadas de L, CS, MB e B

	Região	Contexto precedente	Palavra-Alvo	Contexto seguinte	FNCs
<s>	L	se tnham esquecido do seo ratos se bem que não	<i>aniverssario</i> <i>ção</i>	. Eu não gostava de convidados especiais	<ss> <ç>
	CS	dias tirava massas com o apareceu e a bruxa não	<i>ceu</i> <i>çabia</i>	gato. Mas ove um . Ela por mais que	<c> <ç>
MB	B	O senhor uma ves um menino muito	<i>penssou</i> <i>cempatico</i>	que os ladrões fossem lá um dia comvidou dois	<ss> <c>
	B	está um menino chamado	<i>Afonsso</i>	a escovor os dentes	<ss>
<c>	L	voár e a bruxa Celia umas sapatilhas depois	<i>tsidiu</i> <i>classai</i>	vendelo. as doas sapatilhas chamei os	<ts> <ss>
	CS	. E o fogão estáva e o sol estava a	<i>aseso</i> <i>aparser</i>	, e uma garrafa de e poriso o dragau	<s> <s>
MB	B	flores pinheiros feijões, Derepente	<i>senonoras</i> <i>aparseu</i>	. um senhor o ratinho xeinho	<s> <s>
	B	A bruxa Íris e a arvore e pum o feitiso	<i>Masiaera</i> <i>dezaparçeo</i>	. Éra uma vez uma .	<s> <ç>
<ç>	L	xapeu e pos na sua cabeça. Mas o chapéu	<i>cabesa</i> <i>comecou</i>	e depois o seu xapeu a voar.	<s> <c>
	CS	tartaruga no chão e a bruxa soa casa e ela voi	<i>enfeitou</i> <i>veitissar</i>	a tartaruga num banco os senhores ce ela cria	Omissão <ss>
MB	B	morangos já não estavam na e coisas mais frescas como	<i>carrossa</i> <i>calcoês</i>	e muita triste foi para , um bocadinho grandes.	<ss> <c>
	B	A bruxa bruxa lançou um	<i>afatisou</i> <i>fufeitio</i>	o pássaro e o gato a igreja	<s> Omissão
<ss>	L	Marco achou que não era sentado no banco vaio um	<i>entrefçante</i> <i>pasarinho</i>	e porico decidiu continoar e depois terasformou	<ç> <s>
	CS	imcomtro uma tataroga a banqu e o gato ficou	<i>pasiar</i> <i>asustado</i>	com ela e ela cria purque a tatarugua estava	<s> <s>
MB	B	Um dia um rato numa carroça e foi com	<i>pasiava</i> <i>preça</i>	pelo canpo. e perdeu os morangos	<s> <ç>
	B	aquele dinheiro i-se eu o banco e a borxa	<i>com prase</i> <i>dise</i>	um peluche novo. Vou oce-e isto repondeu	<s> <s>
<x>	L	quando uma bruxa se bola dois amigos que	<i>aprossimava</i> <i>trocerão</i>	da janela e no chão dois brinquedos e já estava	<ss> <c>
	B	continuou a cantar para o	<i>próssimo</i>	dia disse ele. E então	<ss>

Anexo 2 - FNCs relativas às sibilantes vozeadas de L, CS, MB e B

	Região	Contexto precedente	Palavra-Alvo	Contexto seguinte	FNCs
<z>	L	estiver roto não quer por livors e eu tão	<i>disser</i> <i>sangada</i>	que não goste dele disse - que festa é	<ss> <s>
	CS	o ce ela estava a um unico dia que ningam	<i>vaser</i> <i>desia</i>	e de pois ela lá voi que era faia ela era	<s> <s>
	B	no banco a ver a a olhar para o xapéu	<i>natoresa</i> <i>asul</i>	e o gato estava a . Pos o xapéu tão	<s> <s>
	L	ter porcaosa de o fazer um	<i>pressente</i> <i>dezainho</i>	e da comida deliciosa e coando acabaie foi recortar	<ss> <z>
CS	B	Eu podia e a sala estava muito	<i>ossala</i> <i>dezarromada</i>	como banco? e o Daniel abriu o	<ss> <z>
	MB	vizinhos do lado podem é flores palantas,	<i>vizaritar</i> <i>rozaz</i>	a qualquer hora porque está e muitas mais coisas	<z> <z>
B	B	Está muinto E o xapeu voau qcom	<i>cuizas</i> <i>azaz</i>	. .	<z> <z>